

FÉ, LEITURA E EVANGELIZAÇÃO: O JORNAL *MENSAGEIRO DA PAZ* E A REVISTA *A SEARA* COMO INSTRUMENTOS DE EDUCAÇÃO E ORIENTAÇÃO DOCTRINÁRIA

**Faith, Reading and Evangelization: the newspaper
Mensagem da Paz and the magazine *A Seara* as instruments
of education and doctrinal guidance**

Elba Fernanda Marques Mota
Doutora em História-UNIRIO
SEMED-MA

ORCID: <http://lattes.cnpq.br/2378395379840121>
E-mail: elbamota22@yahoo.com.br

Recebido em: 14/10/2023
Aprovado em: 19/01/2024

Resumo:

Pretende-se analisar como a produção editorial, através de uma imprensa evangélica, no período de 1960 a 1985, mobilizou os fiéis da Igreja Assembleia de Deus a aceitarem e, posteriormente, inserirem-se na política partidária brasileira. Analisaremos de que forma isto contribuiu para a formação e legitimação de uma cultura política por parte desta denominação no Brasil. Do ponto de vista da construção da República brasileira, a religião tem um papel primordial na constituição da identidade do povo. Pretendemos analisar como esta denominação religiosa se utilizou da imprensa escrita para promover a participação política de seus membros, através do jornal *Mensagem da Paz* e da revista *A Seara*.

Palavra-chaves: Assembleia de Deus, política, imprensa Evangélica.

Abstract:

The aim is to analyze how the editorial production, through an evangelical press, in the period from 1960 to 1979, mobilized the faithful of Assembly of God Church accept and, subsequently, inset into Brazilian party politics. We will analyze in which way this contributed to the formation and legitimation of a political culture on the part of this denomination in Brazil. In point of view of the Brazilian Republic construction, the religion have a primary role in constitution the identity of the Brazilian people. Wintend to investigate how this religious denomination used the written press to promote the political involvement of their members, by the agency of *Messenger of Peace* jornal and *Seara* magazine.

Keywords: Assembly of God; policy; evangelical press.

1.1 A Casa Publicadora e seus periódicos

A Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) foi fundada oficialmente em 1940, informalmente seu começo se deu juntamente com o início da redação do jornal *Mensageiro da Paz*, fundado em 1930, na primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus, em Natal, Rio Grande do Norte. Sua redação funcionava junto à residência, anexa às instalações da igreja dos dois primeiros diretores do jornal, Gunnar Vingren, um dos fundadores suecos da igreja, que dirigiu o periódico no período de 1930 a 1932, e Samuel Nystrom, diretor de 1932 a 1933, pastor sueco de vasta cultura bíblica e secular, e que produziu lições da Escola Dominical.

A CPAD foi fruto de iniciativa que vinha se desenvolvendo desde os primeiros anos da fundação da denominação no Brasil, em virtude do interesse que a palavra escrita sempre despertou nas igrejas de origem pentecostal. Posto que de 1901 a 1910 surgiram nos Estados Unidos 19 periódicos pentecostais, além de nove jornais em países como Suécia, Noruega, Japão, Ásia, Grã-Bretanha, Índia, Suíça, China e Alemanha (ARAÚJO, 2007).

Na atualidade, é a maior editora evangélica do Brasil e da América Latina, pelo seu faturamento anual e 11 filiais no país, além de uma nos Estados Unidos, em Miami, uma na Europa, em Portugal e uma franquia no Japão, e filiais em alguns países da África, como Angola. Além de investir no mercado fonográfico, com a criação do selo Patmos Music, especializada no mercado gospel. Diante destes números, percebe-se o seu poder de mercado, o que torna interessante analisar o caminho percorrido por esta editora até alcançar o seu atual sucesso.

Podemos pontuar como grande virada na história desta editora, a resolução do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo de Getúlio Vargas, que determinava, através de um decreto, que todos os jornais, revistas e órgãos da imprensa fossem registrados junto ao instrumento que a regulava. Ele foi criado no intuito de controlar e centralizar a propaganda oficial, que se fazia em torno do Presidente ao longo do Estado Novo. E o mais importante, os periódicos deveriam ter reconhecimento de personalidade jurídica.

Motivo pelo qual a igreja se reuniu em 1940, em Salvador, na Assembleia Geral da Convenção Geral da Igreja Assembleia de Deus - CGADB, em caráter de urgência, a fim de deliberar sobre as medidas do Presidente da República, cuidando para que o jornal *Mensagem da Paz* não fosse impedido de ser publicado. Desta forma, foi criada a Casa Publicadora da Assembleia de Deus - CPAD, e um estatuto provisório foi aprovado. O registro no D.I.P foi imediato e a recém-criada editora tornou-se proprietária do jornal *Mensagem da Paz*.

A editora passou a funcionar nas dependências da igreja Assembleia de Deus do bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, onde ocupava seis salas, medindo um total de 160 metros quadrados, que eram utilizados como Redação, secretaria, tesouraria, depósito e expedição. De acordo com o seu primeiro estatuto, aprovado em 1930, a CPAD não pertencia a qualquer igreja ou convenção em particular, possuindo até então sua independência.

Sua primeira diretoria foi formada pelo pastor Francisco Leopoldo Coelho, no cargo de gerente, que hoje seria o cargo de diretor administrativo; o primeiro redator fixo da editora foi Emílio Conde, que prestou serviços à CPAD por mais de trinta anos; o missionário Orlando Boyer, que comentava a coluna Lições Bíblicas da escola dominical; e João Kolenda Lemos, que trabalhava na Redação do jornal, com a revisão dos textos.

As primeiras publicações como editora formalizada juridicamente foram o jornal o *Mensagem da Paz*, as lições da Escola Dominical para adultos, folhetos para a evangelização e um calendário bíblico publicado anualmente, a Harpa Cristã e livros de autoria dos próprios editores, Emílio Conde e Orlando Boyer. Neste período, há que se ressaltar, a editora não possuía gráfica própria, sendo todo o seu material impresso em gráficas particulares, cabendo aos fiéis fazerem trabalho voluntário, para que ele fosse transportado para as demais regiões do Rio de Janeiro.

Isto posto, três questões importantes destes primeiros anos merecem ser destacadas. O fato de, em 1946, a editora ser incorporada à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), que passa a funcionar, para tanto, como pessoa jurídica, o que a tornou proprietária da CPAD e responsável por sua gestão,

consequentemente, de seus lucros, e também, por seus gastos, motivo ressaltado pela Igreja para a incorporação.

Ainda que, na atualidade, em seu site, a CPAD afirme que “sejam dependentes exclusivamente de Deus” (CPAD, 2015). Assinalam, contudo, que tiveram que passar por mudanças, a fim de se modernizar para situarem-se em um mercado dinâmico, com elevada competição, para tanto, “Neste esmero por um trabalho de qualidade ascendente, a Casa não se limita à confecção de produtos atrativos aos olhos e ao bolso do consumidor. O nosso compromisso é mais abrangente e vai além do preço dos produtos” (CPAD, 2015). Com esse discurso cativante, a editora tenta tirar o foco da questão financeira, sempre presente ao longo da sua história.

Outro ponto a se considerar é que nos quatro primeiros anos de sua fundação foram constantes as crises, pelos prejuízos financeiros recorrentes, contabilizando um prejuízo anual de Cr\$ 200.000.00 (duzentos mil cruzeiros) e nos anos posteriores, foram feitos empréstimos, que começaram a ser pagos em 1949: a primeira parcela no valor de Cr\$ 115.000.00 (cento e quinze mil cruzeiros) a segunda parcela, Cr\$ 100.000.00 (cem mil cruzeiros) e a última, já no ano de 1950, no valor de Cr\$ 140.000.00 (Cento e quarenta mil cruzeiros). Estes foram os primeiros empréstimos que perduraram pelos próximos trinta anos, sendo estabilizada suas finanças no início da década de 1970 (Mensageiro da Paz, agosto de 1949).

Foram constantes as crises, seja por questões de pouca infraestrutura, mas, também, por pouca disponibilidade de mão de obra, cabendo à primeira diretoria a função de jornalistas e administradores da editora. Como tentativa de solucionar a crise, foi lançada pelos editores e missionários Lawrence Olson e Gustavo Kessler a “Campanha de Um Milhão em prol da CPAD”. O slogan era “Um milhão de cruzeiros, cada crente no Brasil um contribuinte”. (CORREA, 2013, p.42)

A campanha consistiu em arrecadar doações junto às igrejas e aos fiéis em todo o país, mas as maiores doações vieram do exterior. Samuel Nystrom, pastor sueco, radicado no Rio de Janeiro, adquiriu um empréstimo na Suécia e visitou algumas igrejas nos Estados Unidos, conseguindo doações e a vinda de um técnico Andrew Hargrave ligado à Igreja pentecostal de Springfield, que chegou em 1948 e prestou serviços até 1956, contribuindo com melhorias técnicas e instalações de novas máquinas.

Por fim, ao longo do ano de 1946 foram constantes os apelos no jornal *Mensageiro da Paz* em prol da “Campanha do Milhão”, e relatos constantes das dificuldades pelas quais passava a Casa Publicadora. Na Convenção Geral de 1947, realizada em São Paulo, foi prestado conta dos valores arrecadados, através do relatório do movimento financeiro, e de um depósito bancário em nome da National City Bank of New York, na quantia de Cr\$ 435,534,60.

Ao apresentar o valor das despesas, a mesa diretora foi questionada pelo pastor José Teixeira Rego: “Se a CPAD era para ajudar mesmo as igrejas com literatura ou só tinha função comercial, pois achava os preços dos produtos da Casa muito altos” (ARAÚJO, 2007, p.169).

O redator chefe Emilio Conde respondeu, justificando que os valores “eram de acordo com as necessidades de manutenção da casa, ratificando o seu caráter espiritual”.

O fato é que a campanha surtiu efeito e em 1948, a CPAD comprou um terreno no bairro de Benfica, próximo ao bairro de São Cristóvão, Rio de Janeiro, no valor de Cr\$ 1.587.592,50. De entrada a Convenção pagou Cr\$ 984,240, devendo o restante ser pago em três parcelas, e no mesmo ano o novo prédio da editora foi inaugurado, sendo um galpão de 5 x 30 metros. Para garantir a compra das máquinas, optou-se por um prédio simples, com custo de 50 mil cruzeiros.

A fim de que as despesas começassem a ser pagas, foi determinado na Convenção Geral de 1948, que a partir daquele ano, deveriam ser feitas doações especiais, em favor da casa, uma vez que:

Tratando-se de uma obra que requer tempo para alcançar maturidade e instalar-se definitivamente, a Convenção determinou recomendar às Assembleias em todo o Brasil que continuem a contribuir liberalmente e com amor, e instituiu o dia 7 de setembro de cada ano como o dia da Casa Publicadora. Nesse dia, em todas as Assembleias, em todo o Brasil levantar-se a uma grande coleta para auxiliar obra tão gloriosa. (ARAÚJO, 2007, p.170).

O dia 7 de setembro foi escolhido como parte da campanha publicitária, vinculada ao jornal *Mensageiro da Paz*, a fim de que a editora conseguisse a sua independência financeira. Com isso, ao longo dos próximos anos, e na década de 1950, a CPAD conseguiu estabilizar suas finanças, ainda passando por algumas crises, em

decorrência dos problemas econômicos brasileiros, mas nada comparado aos seus primeiros anos.

Ao longo da década de 1950, era recorrente o debate entre os pastores, quanto à função da editora. Na Convenção de 1953, realizada em Santos (SP), coube ao seu gerente à época, João Pereira de Andrade e Silva, explicar que “a Casa Publicadora, apesar de não ser uma casa comercial, tem a parte comercial, mas a finalidade é servir às igrejas” (ARAÚJO, 2007, p.173). Perdurava por parte de seus líderes, o discurso controverso, de afirmar o objetivo evangelístico da editora, apesar dos lucros obtidos com as publicações.

No sentido administrativo, os dirigentes da CPAD a viam como uma entidade de caráter social, que pretendia a prestação de serviços sem o sentido lucrativo. Para eles, isto foi consequência do trabalho feito, mas o objetivo maior era levar a palavra escrita para todo o território nacional. Contudo, a realidade é que a partir da década de 1960, o discurso se modifica, e a cobrança por maiores vendas dos periódicos se intensifica e vira pauta constante dos dois principais periódicos da editora, o jornal *Mensageiro da Paz* e a revista *A Seara*, fundada em 1956.

Este posicionamento está atrelado ao perfil dos dirigentes da editora que assumem a diretoria, a partir da década de 1960. Faremos um perfil dos ocupantes do cargo, ao longo do período específico de nossa análise (1960-1985), para que fique claro o exposto¹:

Diretores da Casa Publicadora da Assembleia de Deus entre 1960 a 1985:

Diretor Administrativo	Período de Atuação	Profissão	Ação
Armando Chaves Cohen (1914-1992)	1960-1961	Pastor, teólogo, escritor, articulista dos periódicos da CPAD e professor	Adquiriu novo maquinário; Estabeleceu maiores contatos com o

¹ Quadro elaborado pela autora.

		das escolas bíblicas	mercado consumidor; Instalou uma agência em São Paulo.
Deolando Almeida	1961-1964	Técnico em contabilidade; Antigo tipógrafo da CPAD, chegou ao cargo de gerência.	Introduziu melhoramentos técnicos; E instalou uma nova filial em Curitiba.
Altomires Sotero da Cunha(1926-2005).	1965-1976	Pastor, Político e Empresário.	Em 1970 inaugurou a nova sede da editora em Vicente de Carvalho, com a presença do Vice Governador da Guanabara, Erasmo Calmon.
João Pereira de Andrade e Silva (1918-1997)	1977-1978	Pastor, Político, formado em Letras- professor e escritor.	Lançou as revistas <i>O Obreiro</i> (1977) e <i>Jovem Cristão</i> (1978).
Custódio Rangel Pires (1922-	1979-1987	Empresário; Presidente da Associação de Homens de Negócios do Evangelho Pleno (Adhonep).	Expandiu as filiais, adquiriu maquinaria moderna, vendeu o <i>Mensageiro da Paz</i> em bancas do RJ e SP e iniciou a construção do prédio atual, em Bangu.

Alguns pontos merecem destaque especial a partir deste quadro. O primeiro é que a partir de 1960 há a admissão de não pastores como diretores administrativos da editora. Ao longo de nosso recorte temporal, de 1960 a 1985, foram cinco administradores, sendo que dois não eram pastores; Deolando Almeida, funcionário que trabalhava há vinte anos na CPAD e conseguiu chegar ao cargo de dirigente. E Custódio Pires, que apesar de ser membro muito ativo na igreja, optou por não se ordenar pastor. Quanto a este, é importante ressaltar que ele foi um empresário rico, dono de cinco fábricas, entre elas, a Plastigel, e atuante na área imobiliária, ao longo dos seus oito anos à frente da editora, não recebeu salário, optando por trabalhar voluntariamente.

O segundo aspecto importante é que dois diretores da CPAD foram políticos, Altomires Sotero da Cunha e João Pereira de Andrade e Silva. O primeiro exerceu mandato como deputado federal em 1986, sendo um dos deputados que participou na elaboração da Constituição brasileira, promulgada em 1988. Ele propôs a emenda Sotero Cunha de número setenta, que pretendia proibir o aborto em qualquer situação. Anteriormente a esta eleição, sempre teve uma boa relação com os políticos, sendo próximo ao senador Edgar Calmon e ao vice-governador da Guanabara, Erasmo Martins Pedro, presentes na inauguração da nova sede da editora².

Ele exerceu ainda função de empresário, sendo dono de lojas como Paraibanas e O Bicho da Seda, negócios de grande êxito na cidade do Rio de Janeiro, ao longo da década de 1970, além de proprietário da Rádio Continental. Não por acaso, em sua gestão de onze anos, a CPAD alcançou crescimento global de 5, 864%, com a aquisição de maquinário vindo diretamente da Suécia.

Outro diretor, João Pereira de Andrade e Silva, exerceu dois mandatos de vereador, por sua cidade, Itajubá, no Sul de Minas Gerais, chegou a candidatar-se para deputado federal, não sendo eleito. Posteriormente, abandonou a vida política, dedicando-se ao magistério e à escrita de obras para a Igreja Assembleia de Deus. É importante perceber que o período em que ambos estiveram à frente da CPAD, foi

² Um ponto a ser destacado é que no Dicionário do Movimento Pentecostal, de autoria de Isael de Araújo, há um relato biográfico dos dirigentes administrativos no período de 1960 a 1985. O único que não contém qualquer menção à sua vida, sem justificativa, é Deolando Almeida, que trabalhou diretamente na CPAD e não era pastor, político ou empresário, e sim, técnico de contabilidade.

aquele em que o debate sobre a participação política começou a se intensificar, especialmente na década de 1970.

Por este quadro, podemos pontuar que em seus setenta e cinco anos de funcionamento, a CPAD foi conduzida por três tipos de gestores:

1ª Eclesiástica Ministerial: 1940 a 1961

- Seus diretores são pastores
- É uma obra movida pela fé;
- Dependente de trabalho voluntário;
- Dependência de ofertas das igrejas nacionais e estrangeiras;
- Corre risco de falência;
- Dependente de empréstimos bancários;
- Publica novos periódicos: *A Seara*, *O Obreiro* e *Jovem Cristão*;
- Transição jornalística: Saída do redator chefe Emílio Conde, para a entrada de Joanyr de Oliveira.

2ª Industrial empresarial: 1961 a 1987

- Seus diretores não são pastores, com duas exceções;
- Dois diretores são empresários ricos e injetam subsídio financeiro próprio;
- Prevaecem características da gestão eclesial ministerial e empresarial;
- Enfrenta fortes crises financeiras internas;
- Adota recursos tecnológicos;
- Dependência da influência de pastores para aquisições de maquinário a terrenos.

3ª Empresarial Editorial (de 1993 aos dias atuais)

- Seu diretor não é pastor, e sim um publicitário;
- Forte visão editorial ministerial;
- Alcança independência financeira;
- Forte visão mercadológica evangélica;
- Forte investimento tecnológico;

- Profissionalismo gerencial e editorial;
- Administração empreendedora;
- Investimento no pessoal;
- Alcança prestígio e credibilidade nacional e internacional.

Um último ponto a se destacar é o funcionamento administrativo da Casa Publicadora da Assembleia de Deus. Todos estes gestores deveriam prestar contas de suas atividades estando sob supervisão do Conselho Administrativo da CPAD, que é o responsável por sua administração geral. Este conselho, em 1962, era composto por onze membros, todos pastores, escolhidos dentre todas as regiões do Brasil, os quais tinham um mandato de dois anos, eleitos pela Convenção geral da igreja.

Esta era sua composição em 1962:

- Pastor Cícero Canuto de Lima (presidente) – São Paulo - Capital;
- Pastor Estevam Ângelo de Souza (Secretário) – São Luís- Maranhão;
- Pastor Antônio Petronilo dos Santos (Tesorero) – João Pessoa- Paraíba;
- Pastor Alcebiades Pereira de Vasconcelos - Belém – Pará;
- Pastor José Amaro – Recife - Pernambuco;
- Pastor José Antônio de Carvalho – Rio de Janeiro – Rio de Janeiro;
- Pastor N. Lawrence Olson - Rio de Janeiro – Rio de Janeiro;
- Pastor Anselmo Silvestre – Belo Horizonte- Minas Gerais;
- Pastor Eurico Bergstén – São Paulo - Capital;
- Pastor José Pimentel de Carvalho – Curitiba- Paraná;
- Pastor Sátiro Loureiro - Blumenau – Santa Catarina.

Pode-se notar uma boa distribuição territorial, quanto aos Estados brasileiros, estando quatro das regiões do país representadas. É importante destacar o fato destes pastores possuírem grande visibilidade em seus estados, sendo pastores presidentes, e líderes em suas áreas de atuação. Este conselho se reunia duas vezes ao ano. Dentre as suas atribuições, que permanecem ainda hoje, está a de eleição, com delegação de poderes do Gerente, cargo que, posteriormente, torna-se o de diretor administrativo.

Assim como a eleição de uma Comissão de Revisão, constituída de pastores para autorizar a edição de livros e outras publicações, a fiscalização da escrita, e, também, a nomeação da Redação da editora. Ao analisar a documentação referente às Convenções Gerais das Assembleias de Deus, observou-se que é recorrente o discurso de que o papel do Conselho era ceder plenos poderes ao gerente eleito, cabendo ao mesmo contratação de chefes de setores e o funcionalismo da editora, acreditamos que em razão destes gerentes serem pastores e próximos aos pastores eleitos, não ocorreu disputas por poder administrativo.

Os gerentes que permaneceram durante um ano no cargo foram substituídos por pedidos dos mesmos à mesa diretora, para assumir função como pastor presidente em outro Estado, como foi o caso de Armando Chaves Cohen e João Pereira de Andrade e Silva. Os demais permaneceram no cargo, sendo substituídos por questões de saúde.

No que diz respeito à linha editorial da CPAD, podemos sintetizá-la, para o nosso período de estudo e, também, primeiros anos da mídia impressa pentecostal em seis amplas categorias:

1. Evangelismo;
2. Doutrinação;
3. Divulgação dos distintivos (cura divina, santificação, batismo no Espírito Santo, dons do Espírito Santo, outras doutrinas e práticas);
4. Literatura inspiracional;
5. Promocional;
6. Auxílio aos Líderes.

Estes seis pontos sintetizam as pautas que com maior frequência estiveram presentes nas páginas dos principais periódicos da CPAD, o jornal *Mensageiro da Paz* e a revista *A Seara* ao longo de 1960 a 1985. De acordo com a conjuntura que o país vivenciava, poderia alternar-se a constância, no entanto, no geral, estas predominaram.

Este levantamento vem confirmar pesquisas acadêmicas na área de editoração evangélica, que classificam estas pautas como “didática, em linguagem acessível a todos os leitores; polêmica, destinados a refutar os periódicos católicos; e de evangelização, a fim de arregimentar novos fiéis” (BEDA,1970).

O didatismo é algo presente em grande parte dos periódicos assembleianos. Diante da necessidade de alcançar o maior número possível de fiéis, os textos terminavam por ter uma linguagem acessível, para que grande parte dos leitores, que em sua maioria obteve acesso à leitura através da igreja e das lições das revistas da Escola Dominical, pudessem ter o entendimento dos textos.

Quanto à polêmica dos textos, esta foi se modificando de acordo com o contexto vivido pela Igreja; enquanto nos primeiros anos, a preocupação se dava com a perseguição e atitudes preconceituosas do catolicismo, posteriormente, as pautas versariam sobre os males da sociedade, na concepção da igreja, como o cigarro, o rock, a questão do aborto, a liberdade excessiva da sociedade. E, por fim, a participação de membros da Assembleia de Deus na política nacional.

Contudo, incontestavelmente, a pauta principal versava sobre a evangelização, seja com a criação da CPAD, com a crítica aos demais aspectos da sociedade brasileira, o objetivo era assegurar os fiéis conquistados e que eles não tivessem dúvida de sua escolha, permanecendo na igreja e trazendo novos fiéis para a mesma.

Em uma matéria, deixava-se clara a importância que a imprensa possuía para a igreja, tendo em vista que, em sua concepção: “Uma das armas mais poderosas que a humanidade possui atualmente é a IMPRENSA. As ideologias se propagam à medida que são divulgadas; e o meio mais simples, mais sutil e até mesmo mais penetrante é a IMPRENSA (Mensageiro da Paz,1970, p.3). (Grifo Nosso).

Percebe-se que a evangelização vinha atrelada à doutrinação por meio do uso da imprensa, uma vez que “A palavra Impressa é um dos grandes meios de evangelizar. Devemos fazer todo o possível para conseguir fazer circular a mensagem escrita e assim, estaremos cooperando com a igreja, na evangelização do mundo”. (Mensageiro da Paz,1970, p.3). Era, também, a promoção dos produtos ligados à literatura evangélica. Na concepção da igreja, ao longo da década de 1960, havia uma concorrência substancial, e cabia à CPAD este papel, posto que

Se a nossa literatura não contar com o amparo e apoio que merece por parte dos que têm “**responsabilidade e direção**”, não atingirá o povo e não realizará o seu trabalho. Sem o conveniente incentivo, o povo não saberá aproveitá-la. O mais grave porém, é que outros livros poderão tomar o seu lugar, outras leituras substituirão as nossas (Mensageiro da Paz,1963, p.3). (Grifo do autor).

Neste atrelamento entre a evangelização, doutrinação e promoção dos produtos e, também dos líderes, a CPAD constituiu sua linha editorial. Destacaremos agora o que caracterizou seus principais periódicos, o jornal *Mensageiro da Paz* e a revista *A Seara*.

2.2 Fé e Evangelização: o jornal *Mensageiro da Paz* e a revista *A Seara*

O jornal *Mensageiro da Paz* foi fundado como resposta aos conflitos que norteavam a Assembleia de Deus em 1930, em decorrência da existência de dois jornais: o *Boa Semente*, fundado em 1919, por Gunnar Vingren e Samuel Nystrom, em Belém do Pará e o *Som Alegre*, fundado em 1929, no Rio de Janeiro, pelo mesmo Gunnar Vingren, que mudou para a capital federal.

O primeiro jornal da Assembleia de Deus foi o *Voz da Verdade*, publicado em 1917, na cidade de Belém, sob a direção do pastor Almeida Sobrinho e João Trigueiro. Devido às crises financeiras, funcionou somente dois meses.

O *Mensageiro da Paz* foi fundado em 1930, na Convenção Geral de líderes da Assembleia de Deus realizada em Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte. De acordo com Alencar (ALENCAR, 2010.p.113), ele foi o principal instrumento de consolidação desta nascente Igreja, considerando-se as dimensões geográficas do Brasil e a viabilidade de comunicação na década de 30, sua fundação foi, portanto, considerada moderna e eficiente.

O jornal *Boa Semente* é considerado o primeiro periódico oficial da igreja³iii. Em seu primeiro número, é apresentado o motivo de sua criação:

“A igreja pentecostal do Brasil, sentindo há tempos a necessidade de uma publicação de sua fé, em a qual melhor se pudesse conhecer os ensinamentos escritos da Bíblia Sagrada, vem hoje preencher esta necessidade, com o presente jornal” (CONDE, 1960, p.44).

³ O primeiro jornal da Assembleia de Deus foi o *O Voz da Verdade*, publicado em 1917, na cidade de Belém, sob a direção do pastor Almeida Sobrinho e João Trigueiro. Devido às crises financeiras, funcionou somente dois meses.

O objetivo era evangelizar o maior número de fiéis possíveis, tornando oficial o seu discurso através da literatura, palavra escrita e a mensagem impressa. Este circulou até o mês de outubro de 1930, dando lugar ao aparecimento do *Mensageiro da Paz*.

Ao chegar ao Rio de Janeiro, mais importante cidade do país, Gunnar Vingren deixa a igreja de Belém sob a direção de Samuel Nystrom e funda um novo jornal, que tivesse maior abrangência nacional, uma vez que o *Boa Semente* era distribuído em sua maioria pela região Norte e alguns estados do Nordeste. Contudo, merece ser pensada esta atitude do pastor presidente da Assembleia de Deus em 1930, posto que a Igreja passa a ter dois jornais assembleianos.

Qual a razão desse jornal? Por que não juntar forças ao *Boa Semente*, que estava sendo feito em Belém? Era uma estratégia para amenizar as dificuldades de distância com transporte e correio? São alguns questionamentos levantados pela historiografia recorrente à Assembleia de Deus (ALENCAR,2010). É mais um silêncio em torno de sua história.

Este impasse foi levado para a Convenção Geral da Assembleia de Deus, em Natal, Rio Grande do Norte e em 1930, foi deliberado que os dois jornais fossem unidos, para dar lugar a um único, o *Mensageiro da Paz*. Sendo que este jornal seria o único órgão oficial das Assembleias de Deus. O primeiro número circulou em primeiro de dezembro de 1930, tendo como diretores Gunnar Vingren e Samuel Nystrom, e como redatores Frida Vingren, esposa de Gunnar e Carlos Brito, com redação no Rio de Janeiro.

Ao longo de sua história, o jornal passou por momentos de crise. Os dois primeiros anos foram marcados por problemas financeiros e constantes apelos que para que os irmãos/leitores contribuíssem com doações, não atrasassem o pagamento das assinaturas. Seu objetivo, como pontuado no editorial do primeiro número era “a visão do evangelismo e a divulgação da doutrina pentecostal por intermédio da imprensa” (*Mensageiro da Paz*, 1930). Ligado diretamente à evangelização e à doutrinação dos leitores.

Neste sentido, com a abertura da CPAD, o jornal entra em uma nova fase, podemos sintetizar o período de 1930 a 1960 com as seguintes características:

- É o principal fator de consolidação da igreja nascente. Considerando-se as dimensões geográficas do Brasil e a viabilidade de comunicação na década de 30, um jornal era o que poderia existir de mais eficiente quanto à evangelização, contrastando, inclusive, com a postura contrária adotada para com o rádio e a televisão, anos mais tarde;
- Ele é uma causa. Mais que um simples elo para a extensão territorial do país, o *Mensageiro da Paz* é um bom motivo, meio e método de evangelização. Vendê-lo, ou presenteá-lo é contribuir para a expansão do jornal (ALENCAR,2010).

Seu primeiro número deixa claro o objetivo do jornal:

O Mensageiro de Paz é o portador de Salvação que deve entrar em todos os lares. Todo crente que tiver o privilégio de lê-lo, deve esforçar-se para propagá-lo entre seus parentes, amigos e conhecidos. Deus recompensa aquele que toma interesse pela evangelização (*Mensageiro da Paz*, Anno I, 12/30, p.1).

Em suas primeiras edições, o jornal era editado em preto e branco. Segundo Alencar, o jornal era publicado no Rio de Janeiro, em tipografias do centro da cidade, mas pelo menos nos dois primeiros anos de sua existência apresentava uma “simplicidade franciscana” se comparado com o jornal metodista *O Expositor* que também circulava na época: usava o mesmo tipo de letras em doze páginas, pouquíssimas fotos, nenhuma ilustração e nenhuma propaganda. Com a fundação da CPAD em 1940, o jornal passou a ser editado por esta. A partir da década de 1970, ele passa a ter a cor azul, predominando nas edições. Neste período custava Cr\$20,00. Sua venda era feita nos templos, e por meio de assinatura.

A partir de 1960, a CPAD tem nova administração com Armando Chaves Cohen, pastor e diretor administrativo responsável pela campanha dos 100 mil exemplares. O objetivo era obter esta tiragem para homenagear o cinquentenário das Assembleias de Deus no Brasil. Consistia em campanha publicitária e apelos para que houvesse aumento de vendas do periódico. Eis o anúncio em sua íntegra:

Em 18 de Junho de 1961 as Assembleias de Deus no Brasil completam 50 anos. Somos mais de 1 milhão de pentecostais e a circulação do “Mensageiro” atualmente é de 66.000. As Assembleias de Deus no Brasil precisam aumentar mais ainda a tiragem do “Mensageiro da Paz”. Em 18 de Junho de 1960 iniciou-se a campanha dos 100.000 mil exemplares a favor do Mensageiro da Paz. É desejo de todos que em 18 de junho de 1961 se atinja o alvo, que é de 100.000 Mil EXEMPLARES. Todo o crente deve esforçar-se pela divulgação do órgão das Assembleias de Deus no Brasil. Determine agora, qual a sua participação nesta campanha, pois nenhum crente deve ficar alheio às comemorações do Cinquentenário das Assembleias de Deus do Brasil (A Seara,1960, p.3).

Foi um ano de campanha e constantes apelos junto aos fiéis para que comprassem ao jornal, inclusive ressaltando para os que tivessem melhores condições, comprassem mais de uma edição e doassem a quem não tivesse meios de comprar. Ao fim da campanha, o jornal alcançou a tiragem de 67 mil exemplares por mês, sem, no entanto, conseguir vender 100 mil exemplares (ARAÚJO,2007, p.458).

Um outro ponto a se destacar é o fato de citarem na campanha, a Assembleia de Deus com “mais de um milhão de fiéis”, o que não eram os dados compatíveis, pois em 1960, a igreja alcança 700.000 fiéis, segundo publicação do próprio *Mensageiro da Paz*, informação compartilhada pela sua historiografia oficial, mais uma demonstração de que pelo afã em conseguir uma maior evangelização, dados terminavam por serem modificados (ARAÚJO, 2007).

Ao longo da década de 1960, foram recorrentes os problemas com a baixa tiragem do jornal, o que ficava claro nas páginas do mesmo, a insatisfação de sua diretoria para com tal atitude por parte de seus leitores, posto que fossem periódicas as matérias tentando entender o porquê das baixas vendas. No sentido de sanar este déficit, eram feitas campanhas no jornal e matérias explicando os benefícios da evangelização por meio do jornal e as dificuldades do brasileiro para com a leitura.

A justificativa para a leitura do periódico o colocavam como um “missionário silencioso” que se fazia presente através da leitura, uma vez que:

- 1.Quando bem impressa, pode ir a quase toda parte, sem sotaque estrangeiro;

2. Sua mensagem é repetida continuamente, sem férias ou licença- prêmio;
3. É relativamente de pouco custo operacional;
4. Apresenta a mensagem de maneira mais cômoda para o leitor;
5. Por via postal penetra em lugares, onde um missionário jamais poderá entrar;
6. Em uma hora pode ser distribuída para mais pessoas do que as que em média assistem a um culto;
7. Proporciona ao leitor a oportunidade de ouvir a mensagem repetidamente, quantas vezes quiser;
8. Proporciona ao leitor o ensejo de estudar qualquer ponto de interesse, com atenção especial. (Mensageiro da Paz,1963, p.2).

Para os editores, a questão era o problema da leitura, que era elencada como principal motivo para a baixa venda de jornais, posto que os mesmos consideravam seu preço satisfatório para a realidade do país. Em 1961, seu preço era de Cr\$ 5,00, o valor do salário mínimo neste período era Cr\$ 13.440,00 e a tiragem foi de 65.500 exemplares, por edição quinzenal, nota-se, assim, como o número de leitores não cresceu suficientemente apesar dos apelos de campanhas como a dos “cem mil”.

Em 1963, na seção intitulada Painel foi realizado pelo jornal um questionário para que os leitores respondessem sobre seus gostos pela leitura, investigando por que o brasileiro lê pouco. Como respostas principais ficaram estas questões:

- 1- O brasileiro lê pouco devido a seu baixo poder aquisitivo;
 - 2- O brasileiro lê pouco porque é desestimulado pela falta de propaganda honesta: anunciam os livros dizendo o que eles não são, porque o alvo não é o divino, mas o comércio;
 - 3- O brasileiro lê pouco porque lhe falta a orientação escolar.
- (Mensageiro da Paz,1963, p.2).

Assim, o jornal construiu o seu caminho alternando momentos de boas tiragens com menores. Quanto à sua diretoria e equipe de jornalistas, continuou a prática da diretoria da CPAD, a maior parte de seus diretores e redatores chefes foram pastores. Esta diretoria promoveu mudanças ao longo do tempo no jornal e corroborou para a sua modernização. Quanto ao trânsito na função de diretores vem diretamente da sua função de pastores, quando muitos eram transferidos para outros estados, a fim de assumirem cargos como pastores presidentes. O mesmo não ocorria com a função de redatores, e nomes como Emílio Conde e Geziel Gomes exerceram suas funções por longo tempo.

Emílio Conde é uma figura particular da imprensa evangélica, especialmente da Assembleia de Deus, por ter sido contratado no jornal em 1940 e estar à frente do funcionamento da redação deste por vinte e nove anos. Autor oficial da igreja ao longo da primeira metade do século XX, sendo de sua autoria o livro que primeiro compilou a História das Assembleias de Deus no Brasil, com primeira edição em 1940.

Formado em jornalismo, foi escritor, compositor e músico, compondo hinos para a igreja. Não foi ordenado pastor, por opção, pois foi lhe oferecida a escolha ao sacerdócio ministerial, recusou pois acreditava que iria comprometer seu tempo com suas atividades jornalísticas. Contudo, foi o grande responsável pela estruturação do jornal, e por sua expansão para todo o território nacional, deixando sua redação em 1969, quando pediu demissão por motivo de saúde, sendo substituído por Alcebíades Pereira Vasconcelos.

Em 1977, o jornal inaugurou, dentro da seção *Informação*, o setor intitulado *Parlamento*, sobre notícias e pautas defendidas pelos deputados no Congresso Nacional. No começo da década de 1970, o jornal começa a se modernizar, adotando a cor azul nas manchetes, sendo totalmente colorido na década de 1980.

Neste sentido, entendemos o jornal como importante fonte para a construção da história da Igreja Assembleia de Deus. Pelos motivos que ele foi criado, a igreja o vê como elo, que poderia alcançar todos os fiéis do território nacional. Ainda que na prática, pelo que notamos ao longo da década de 1960 não foi o que ocorreu. Em 1962, a igreja alcançava 702.000 mil fiéis e a maior tiragem do jornal foi de 67.000 leitores, ainda em 1961, fonte de uma intensa campanha para alcançar este número.

Entre 1960 e 1962 logo acima do slogan do jornal vinha a seguinte afirmativa: “O jornal evangélico de maior tiragem da América do Sul”, corroborado pelo simples fato de a igreja possuir maior número de leitores, sem, no entanto, apresentar dados que comprovassem isto. Em decorrência da cobrança por maiores leitores, o fato é que em 1962, a tiragem do jornal não foi mais publicada, fato que permaneceu até o fim do nosso período de estudo em 1985.

Em linhas gerais, o *Mensageiro da Paz* do período de 1960 a 1985 era composto por diversos gêneros textuais, como: artigos (teológicos e sobre assuntos diversos, como o aniversário de Igrejas Assembleias de Deus no país; porque se devia ler o jornal da Igreja e outros materiais, etc.); poesias; poemas; acrósticos; ensaios; notícias (como, por exemplo, um dropes intitulado “diversas”, isto é, um informativo geral de ações da Igreja; dropes sobre o falecimento de líderes da Igreja; dropes intitulados “na seara do senhor”, trazendo notícias das atividades da Assembleia de Deus em municípios de todo país; decisões sobre a revista Lições Bíblicas).

Anúncios institucionais sobre a venda de publicações da Igreja (como, por exemplo, diversos dropes sobre a venda de hinários como a Harpa Cristã e o saltério pentecostal, conjunto de hinários assembleianos; das revistas da Escola Dominical; de livros de autores da Igreja como Emilio Conde, Nils Kastberg, Estevam Ângelo de Souza). Anúncios de outras instituições; listagem das “igrejas-sede” da Assembleia de Deus no país; convites (paras as Escolas Bíblicas destinadas aos “obreiros”, para convenções Gerais e regionais; para inaugurações de novos templos; para congressos evangelísticos; campanhas a serem realizadas etc.);

Dropes de incentivo à leitura de certos materiais; dropes de sugestões; dropes de lembretes; testemunhos dos leitores; apelos; fotos (enviadas ao jornal por membros da Igreja; de alunos da escola dominical de alguns estados; de membros sendo batizados nas águas, entre outras, com notícias escritas a respeito das fotos, etc.); programação de cultos de algumas Igrejas; comentários sobre a leitura de livros com conteúdo cristão, com a indicação de sua leitura. As matérias no periódico se dividiam entre não assinadas e assinadas por jornalistas e pastores e percorriam um amplo espectro de gêneros textuais.

Ao lado do *Mensageiro da Paz*, a revista *A Seara* é outra principal fonte de nossa pesquisa. É considerada o segundo periódico mais importante editado pela CPAD no período de nosso recorte temporal. Foi fundada em setembro de 1956 e seu primeiro número obteve tiragem de 11.000 exemplares, ultrapassando os 20 mil vendidos no terceiro número.

Uma importante questão a ser ressaltada, em termos de diferenciação em relação ao *Mensageiro da Paz* era que a Igreja vem com o objetivo de trazer ideias novas, que, uma vez concretizadas, poderiam trazer a abertura necessária à denominação. Este posicionamento fica claro pelas pautas defendidas pelas revista, que na década de 1960 diferenciavam-se do principal periódico assembleiano.

Para exemplificar a questão, em suas páginas falou-se pela primeira vez no âmbito da igreja, em congressos de mocidade e em institutos bíblicos, até então vistos como inconcebíveis, uma vez que o jornal criticava profundamente a questão da leitura e os hábitos dos seus leitores em relação a estes dois, a revista, em 1960, demonstrava o caminho para superar os problemas. Especialmente com a imagem pejorativa que os pentecostais possuíam como incultos e obscurantistas, a publicação proporcionou esta mudança, uma vez que “Os crentes eram convocados a serem o ‘sal da terra’, a influir na sociedade, a recusar o papel de alienados” (ARAÚJO, 2007, p.773).

Sob esta pauta, há que se ressaltar, havia o apoio do diretor da CPAD em 1957, João Pereira de Andrade e Silva, que voltaria a ocupar este posto de 1977 a 1978. Suas pautas buscavam uma aproximação maior com os jovens, destacando o papel que estes deveriam ter na igreja. Dentro desta postura, abriu espaço para novos editores, como Antônio Gilberto da Silva, José Apolônio da Silva e Sílvio Amaral com suas crônicas, que até então não tinha espaço no *Mensageiro da Paz*.

A nova postura editorial da publicação foi elogiada publicamente pela revista da Igreja Metodista, a Cruz de Malta, seu diretor William Shisler Filho, pontuou “Até agora não se observou entre os pentecostais hostilidades à cultura. Pelo contrário, a revista é orientada por mentes arejadas”. (ARAÚJO, 2007, p.773).

Contraditoriamente, dentre as mentes consideradas inovadoras, estava a mesma equipe do jornal *Mensageiro da Paz*. Em 1960 os jornalistas que compunham a redação da revista era os seguintes:

- Diretor: Armando Chaves Cohen;
- Redator: Emílio Conde;
- Assistente Técnico: Augusto Costa.

Em 1961, houve a mudança quando Deolando Almeida assumiu a direção da CPAD e conseqüentemente, a chefia de *A Seara*. Não alterando-se este quadro ao longo da década de 1960, os diretores da CPAD eram o da revista.

Em formato típico de revista jornalística, com 32 páginas, a revista era bimestral. *A Seara* possuía como objetivo principal a informação sobre as principais notícias do Brasil e do mundo, sob o ponto de vista evangélico. Na década de 1960, a ênfase especial foram os assuntos da comunidade evangélica, dentre os quais as celebrações de cultos comemorativos, inauguração de novos templos, batismos de novos crentes e testemunhos.

Na década de 1970, é significativo, no entanto, no que se refere às pautas da revista, a preocupação com temáticas mais gerais, que aconteciam no país. Eles pensavam ser necessário esclarecer aos fiéis o posicionamento adequado a se tomar sobre questões como o aborto, o cigarro e a moral adequada e esperada dos fiéis. Esse posicionamento que se confirmou no início da década de 1980, quando a pauta política torna-se mais contundente, com a coluna “Última Página”, onde os principais articulistas da revista se pronunciavam sobre temas do cotidiano fora do mundo evangélico, especialmente, questões políticas e a preservação da moral e bons costumes dos brasileiros.

As principais seções da revista intitulavam-se: “Escreve o Pastor”, em que pastores de todo o país escreviam artigos em tom doutrinário; “Povos da Bíblia”, “Seleções Históricas”, “Nótulas Científicas”, “Vida infantil”, “Conhecimentos Gerais”, “Crônica” e “Nossos Poetas”. Percebe-se a preocupação em pontuar temáticas gerais, e, especialmente, os jovens, as crianças e aos leitores, posto que os poemas eram os mesmos que enviavam.

Outra característica positiva da igreja é o fato de, em 1960, preocupar-se com a opinião do leitor, através da seção: “Qual a Sua Opinião?” Em que questionavam a seção predileta dos leitores, e o que estava faltando figurar entre as seções permanentes

da revista, além de pedir a colaboração dos leitores com notícias importantes de sua igreja local, com fotos e dados comemorativos.

Um ponto a ser destacado em relação aos periódicos era quanto à publicidade. Esta era inexistente no *Mensageiro da Paz* ao longo da década de 1960, havendo sugestões e propagandas somente de livros da CPAD, enquanto na revista *A Seara*, no número de 1960, constar propagandas de óticas Riviera (“existe para servir”), Casa Manon (Harmónios e Órgãos para igrejas, escolas e residências) e da Casa Fontes (que vendia linhos nacionais e estrangeiros).

São alguns dos exemplos de propagandas vinculadas nas páginas da revista, sendo distribuídas em uma única página ou podendo vir logo após a primeira página, juntamente com uma notícia importante, estando sujeita ao preço a ser pago, como era explicado no periódico.

Neste sentido, entendemos a revista *A Seara* como um aprofundamento moderno do pensamento da Igreja em nível nacional, com um maior refinamento por parte de seus editores. Especialmente em relação a pautas, que só teriam espaço na década de 1970 no jornal *Mensageiro da Paz*, como questões relacionadas à juventude, sendo incorporadas pela revista em 1960.

O seu discurso construído permitia ao leitor acesso a uma visão ampliada das informações do Brasil e do mundo, mas com a leitura direcionada, selecionada sobre que posicionamento tomar, que grupo ser contrário, dentro dos caminhos propostos pela igreja.

A partir destes pressupostos, constatamos que estes periódicos, com seu primeiro número de fundação e ao longos dos números publicados desde então, visam, a princípio, a um tipo de leitor: o leitor da “mensagem” ou “causa” pentecostal. Não há o interesse em suas páginas em traçar paralelos com outras denominações evangélicas, criticando, inclusive, a abertura cultural e política de suas concorrentes, através da opção contrária pelo ecumenismo.

Na mesma perspectiva, há uma relação imbricada entre a direção da CPAD, do jornal *Mensageiro da Paz* e da Revista *A Seara*, posto que seja a mesma diretoria, só se alterando os autores dos artigos, mas estes em sua maioria eram pastores, quadro

modificado somente ao fim da década de 1970, quando surgem os primeiros jornalistas formados e membros da Assembleia de Deus.

Pode-se também perceber que a revista *A Seara* e o jornal *Mensageiro da Paz* parecem apresentar “ações educativas”, mas que na verdade são estratégias, posto que o jornal é usado tanto no contexto interno da igreja, fazendo o papel mais contido de evangelização, terminando por abandonar esta postura somente no final da década de 1970. Enquanto isso, a revista terá uma postura editorial de maior abertura, mas que termina por colocar de forma mais direta os posicionamentos conservadores da igreja.

Suas “ações educativas” parecem, a princípio, ser apenas duas: fomentar a “evangelização” e a “militância”, posteriormente, preocupando-se com o que o fiel está lendo e de que forma. Toda essa ação se deu a partir da utilização da imprensa evangélica.

No atual cenário religioso, não se pode vislumbrar o que seria de uma determinada religião sem se fazer presente, ainda que de uma forma débil e frágil, na esfera pública midiática. Trata-se de uma questão de sobrevivência.

As religiões, principalmente as cristãs, têm uma relação muito íntima com os meios de comunicação, por razões teológicas que decorrem de sua natureza. Atualmente, muito em função das mídias eletrônicas. Essa relação tem a ver com a política que, na democracia, possui ligação com a divulgação passiva de ideias e de apelos.

O pentecostalismo ilustra, de maneira muito forte, a ligação entre os meios de comunicação religiosos e a política, utilizando-se da carência presente na educação brasileira.

Referências Bibliográficas

1. Periódicos

A Seara, Rio de Janeiro, 1960-1979.

Mensageiro da Paz, Rio de Janeiro, 1930-1970.

2. Bibliografia Geral

- ARAÚJO, Israel. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- ALENCAR, Gedeon. **Assembleia de Deus - origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- BEDA, Ephraim. **Editoração Evangélica no Brasil: troncos, expoentes e modelos** (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em comunicação social. Universidade de São Paulo, 1993.
- CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.
- CORREA, Marina Aparecida O. dos Santos. **Assembleia de Deus: Ministérios, Carisma e Exercício de Poder**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- CPAD, Disponível em: <<http://www.cpad.com.br/institucional/integra.php?s=5&i=29>>.
Acesso em: 10/12/2015.